

## PROFESSOR PESQUISADOR: O CURRÍCULO E A FORMAÇÃO DO GEÓGRAFO

Leandro Matias dos Santos <sup>1</sup>  
Cirlene Jeane Santos e Santos <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O artigo que ora vem a público é resultado de experiências vivenciadas a partir da atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) por meio da pesquisa intitulada Agricultura Urbana: diagnóstico, mapeamento e caracterização.

Tomamos como ponto de partida a iniciação científica como um importante instrumento para a formação do professor de Geografia, uma vez que por meio dessa prática o licenciando entra em contato direto com um “universo” diferente daquele que as aulas das disciplinas costumam apresentar. Como destaca Freire (1996):

“[...] É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor. Para isso, como aluno hoje que sonha com ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje, devo ter como objeto de minha curiosidade as experiências que venho tendo com professores vários e as minhas próprias, se as tenho, com meus alunos. [...]”. (p. 90).

É importante evidenciar que o presente trabalho não se trata de um questionamento às atividades em sala de aula, pois sabemos da importância que representa para nossa formação. No entanto, entendemos que o ato de lecionar nos exige, além do conhecimento, autonomia, esta nem sempre evidenciada nos currículos e/ou desenvolvida nas aulas.

Entendemos ainda que para ter autonomia precisamos despertar em nós a reflexão crítica uma vez que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (Freire, 1996, p. 22).

---

<sup>1</sup> Mestrando em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA) pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/AL), [leandro.santos@igdema.ufal.br](mailto:leandro.santos@igdema.ufal.br);

<sup>2</sup> Professora Dra. do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDEMA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/AL), Coordenadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRARIO), [cilene@igdema.ufal.br](mailto:cilene@igdema.ufal.br).

As reflexões aqui apresentadas, sobre a importância da iniciação científica para a construção da autonomia docente, estão baseadas em algumas obras como Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa autoria de Paulo Freire; Saber Pensar e Educar pela Pesquisa, ambos de Pedro Demo, dentre outros artigos publicados em livros e periódicos.

Como dito no início, buscaremos aqui discutir como a iniciação científica pode contribuir para a formação profissional em especial dos profissionais da educação. Para tanto, essa reflexão teve como elementos para a abordagem os procedimentos metodológicos e as experiências adquiridas em cada momento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Tomando como ponto de partida a compreensão de que “torna-se premente assumir, definitivamente, que a melhor maneira de aprender não é escutar aula, mas pesquisar e elaborar com mão própria, sob orientação do professor” (Demo, 2002, p. 85) buscamos relatar de forma detalhada nesta seção as etapas pelas quais passamos durante a iniciação científica e como cada uma delas contribuiu para a nossa formação profissional crítica/reflexiva em conjunto com a autonomia necessária para a atuação docente, visto que “o professor tem esta tarefa fina e sibilina de mostrar que a crítica é necessária para aprender com autonomia. [...] Assim, autonomia é o que enobrece o ser humano emancipado” (Demo, 2002, p. 53).

A pesquisa visava realizar o diagnóstico, mapeamento e a caracterização da Agricultura Urbana e Peri-urbana em Maceió, analisando a importância dessa prática agrícola no meio urbano da cidade e elaborando a sua tipificação. Visava ainda identificar as políticas públicas de apoio a essa prática que vem crescendo progressivamente na cidade, tornando-se uma estratégia dinâmica auxiliar na geração de renda e na melhoria social de algumas comunidades urbanas, que possibilita a criação de um ambiente urbano de melhor qualidade e sustentável.

Foi durante a iniciação científica que compreendemos o processo de construção do conhecimento. O fazer ciência exige reflexão, criticidade e autonomia. A pesquisa quando entendida nesse grau de importância passa a ter novos sentidos, os procedimentos metodológicos deixam de ser apenas etapas que precisam ser cumpridas e se tornam ensinamentos que alicerçam a atuação docente em bases sólidas.

O primeiro procedimento, levantamento bibliográfico e documental, no qual foram realizadas leituras de diferentes artigos que foram semanalmente socializados e discutidos. Diferente das aulas que normalmente o aluno ler o material proposto e espera que o professor

explique em sala, as reuniões foram organizadas de maneira que cada um pudesse apresentar o que compreendeu do texto base podendo tecer críticas e fazer análises com a realidade em que foi escrito e a que está sendo estudada, nesse caso a realidade da capital alagoana.

Esse processo nos fez compreender que estávamos “lendo autores para nos tornarmos autores” (Demo, 2002, p. 87) e não meros reprodutores. Com essa experiência podemos entender que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 47). Ainda segundo o citado autor:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que *ensinar não é transferir conhecimento* – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica –, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (p. 47).

Destacamos então, esse como sendo o primeiro aprendizado durante a pesquisa, a de que a professora orientadora não desempenha o papel de transferir o seu conhecimento para nós, ela atua justamente na posição de mediadora do conhecimento para que possamos construir novos conhecimentos e não somente reproduzir o que já é conhecido. Isso fez com que refletíssemos sobre a nossa futura atuação em sala de aula. Precisamos despertar antes em nós mesmos a curiosidade e a vontade de investigar para só assim despertar no alunado. Sendo assim:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo nem ensino*. [...] Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. (Freire, 2011, p. 85).

Como segundo procedimento metodológico, realizamos levantamento cartográfico com delimitação espacial, nessa etapa tivemos contato com ferramentas tecnológicas como o *Google Earth* a partir da qual marcamos pontos com possíveis práticas de agricultura urbana gerando mapas dessas iniciativas e com isso além de aprender produzir mapas aprendemos a ler os mapas.

Como aprendizagem ficou a importância de uma formação sólida na qual o educando ao construir conhecimento e apropriar-se dele constrói autonomia para aplicá-lo em diversas situações. É preciso saber como usar a tecnologia e suas aplicações.

O terceiro e o quarto procedimentos metodológicos, visita técnica exploratória e elaboração de roteiro de entrevista semiestruturadas, entendemos ser uma das etapas mais sensíveis e enriquecedoras para a nossa formação. Esse foi o primeiro contato direto com a realidade estudada, com as pessoas que praticam agricultura no perímetro urbano.



Foi durante os trabalhos de campo que nos deparamos com o que havíamos lido, refletido, pesquisado. Vale ressaltar que o trabalho de campo “[...] possibilita uma gama de conteúdos que podem ser abordados, desse modo o campo vai além da aquisição de conhecimentos, é também considerado como atitude política e que gera um grande debate [...]” (Santos, Silva e Santos, 2018, p. 178).

Inserir atividades de campo na formação do professor de Geografia possibilita a construção de uma análise crítica do cenário no qual está inserido, pois a “[...] análise geográfica precisa ir para além das formas incluindo também a leitura dos processos e das funções” (Azambuja, 2012, p. 184), leituras essas possibilitadas e experienciadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa já citada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, defendemos aqui a importância da iniciação científica para a formação do professor de Geografia. As experiências ao longo do desenvolvimento de uma produção acadêmica, a partir do rigor científico, impactam positivamente na construção não só profissional como também pessoal do docente em formação.

O professor pesquisador poderá contribuir afirmativamente para a promoção da transformação do cenário no qual está inserido. Defendemos também a importância da autonomia do pensar e do fazer docente. Elementos importantes para a geração de profissionais críticos, atuantes e capazes de produzir novos conhecimentos e também inspirar outras pessoas a também trilharem pelo caminho da ciência.

**Palavras-chave:** Autonomia Docente, Formação do Geógrafo, Professor Pesquisador.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos colegas do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO) pelo compartilhamento de experiências e a construção de conhecimento ao longo da minha graduação. Agradeço também à Profa. Dra. Cirlene Jeane Santos e Santos por me proporcionar a experiência da iniciação científica a partir de uma pesquisa com múltiplas faces e que tem no cerne da questão o ser humano.



## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, L. D. Trabalho de Campo e Ensino de Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 181-195, jul/dez. 2002. ISSN 0103-3964.

DEMO, P. **Saber Pensar**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 9 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

SANTOS, L. M. dos; SILVA, M. E. SANTOS, C. J. S e. Por uma Geografia significativa: leituras sobre a agricultura urbana e a importância do trabalho de campo para a pesquisa e o ensino de Geografia. **Diversitas Journal**. Santana do Ipanema/AL. vol. 3, n.1, p.169-179. jan./abr. 2018. ISSN 2525-5215.